

7

Jovens grafando relações entre idosos e cidade pela Cartografia Colaborativa Digital

*Juliana Carvalho Cardoso;
Ivaine Maria Tonini*

Resumo

Com a intencionalidade de se colaborar com uma Cartografia Digital proposta, a pesquisa desenvolveu uma metodologia rizomática para se grafar as relações entre os idosos e a cidade de Porto Alegre. Tal leitura-grafia foi construída pelos alunos do 3º Ano, Turma 312, do Ensino Médio do Instituto de Educação Flores da Cunha. A aprendizagem, baseada no estudo de demografia, conhecimento adquirido ao longo dos anos escolares na disciplina de Geografia, cujo estudo mais complexo se dá durante o Ensino Médio, através do estudo das populações – com ênfase na população brasileira – teve o estudo do envelhecimento da população como norteador da pesquisa. Para tal, aprofundamos os estudos, sob as lentes da Geografia e dos Estudos Culturais, para as transformações demográficas que acontecem a nível mundial, federal e estadual, discutindo questões de políticas públicas, panoramas sociais e econômicos dos diferentes discursos que constroem múltiplas facetas sobre a terceira idade. Apontamos nosso olhar para o cotidiano da cidade de Porto Alegre e miramos nas questões de infraestrutura e acesso à cidade, ao lazer e à saúde da população Idosa. Perante esse leque de possibilidades, acabamos por escolher, durante os percursos trilhados, aqueles caminhos que ofereceram sentido para a nossa cartografia das representações do envelhecer em Porto Alegre. Pretendeu-se com isso, além de abordar temas estudados em sala de aula, aproximar as gerações, observar os usos dos espaços na cidade de Porto Alegre e construir no jovem, uma consciência dos problemas sociais decorrentes do envelhecimento da popula-

ção brasileira, e os enfrentamentos que essa população tem em seu cotidiano. Todas as informações sistematizadas, referentes à população idosa de cada cidade, construíram o que se denomina atualmente de Cartografia Colaborativa Digital, onde, os dados e informações que coletamos ao longo da pesquisa serviram para compartilhar digitalmente e compor nossa colaboração na cartografia da página de internet “Mapeando o topo da pirâmide”.

Palavras-chave: Geografias. Idosos. Cidade de Porto Alegre. Cartografia Colaborativa Digital. Envelhecimento da População.

Abstract

With the intentionality of collaborating on a proposed digital cartography, the research developed a rhizomatic methodology to describe relationships between the elderly and the city of Porto Alegre. This reading-graphic was built by students of the 3rd Year of high school, Class 312, of the Institute of Education Flores da Cunha. Learning, based on the study of demography, knowledge acquired during school years of the discipline of Geography, but whose more complex study is given at high school level, through the study of populations - with emphasis on the Brazilian population - being the population aging studies our research guide. In order to do so, we deepen the studies, under the lenses of Geography and Cultural Studies, into demographic transformations that take place at the world, federal and state levels, discussing public policy issues, social and economic scenarios of the different speeches that construct multiple facets about third Age. We turn our eyes to the daily life of the city of Porto Alegre and aim at the issues of infrastructure and access to the city, leisure and health of the elderly population. Under this range of possibilities, we ended up choosing, along the trails traveled, the paths that gave us meaning for our cartography of the representations of aging in Porto Alegre. It was intended, besides addressing topics studied in the classroom, to bring the generations closer together, to observe the uses of spaces in the city of Porto Alegre and to build in the young person an awareness of the social problems resulting from the aging of the Brazilian population, and the confrontations on which this population has its daily life. All the systematized information about the elderly population of each city built what is currently called Digital Collaborative Cartography, where the data and information we collected over the research served to digitally share and compose our collaboration in the cartography of the website “Mapeando o topo da Pirâmide” (Mapping the top of the pyramid).

Keywords: Geographies. Elderly. City of Porto Alegre. Digital Collaborative Cartography. Population Aging.

*Olho o mapa da cidade como quem examinasse / a anatomia de um corpo... /
(é nem que fosse o meu corpo!) / Sinto uma dor infinita / das ruas de Porto Alegre
onde jamais passarei... / Há tanta esquina esquisita, / tantas nuances de paredes,
/ há tanta senhora bonita / nas ruas onde não andei / (e há uma rua encantada
que nem em sonhos sonhei...) [...] (Mário Quintana)*

Como poetiza Quintana, a cidade é aquela dos percursos e espaços cotidianos, do vai e vem dos sujeitos que a compõem e são compostos dela. Muitas vezes, assim como eles, caminhamos pela cidade para nos perder. Nos perder pelas ruas, nos perder pelas janelas, nos perder nas pessoas. Nos perder para descobrir. Nos perder para nos achar. Nos perder e assim, percebermos que estamos emaranhados em uma teia de diversidade de pessoas e atividades, formando um imenso universo de trocas cotidianas em seus diferentes espaços.

Olhar para a cidade é olhar para um organismo vivo, latente, pulsante, um verdadeiro caldeirão de interações sociais, políticas, econômicas e culturais. Essas interações transformam a cidade em uma rede tecida por diferentes fluxos, forças e movimentos, e permitem a composição de diferentes paisagens e lugares.

Viajar nas marcas de uma sociedade é viajar nas marcas que uma sociedade mais velha nos deixa. Forma-se, assim, uma heterogeneidade nas vivências das variadas gerações e as relações intergeracionais acabam por se redesenhar essa rede a cada nova transformação cultural e social que se apresenta ao longo dos anos. A cada transformação, novos panoramas, paradigmas e olhares são tecidos.

Um dos fios dessa rede é a população e os mais variados sujeitos urbanos que esticam, torcem e contraem essa rede de acordo com seus poderes e visibilidades. Alguns são colocados na invisibilidade por diferentes fatores e interesses intrínsecos que permeiam essas complexas relações sociais. Neste contexto, percebemos que os idosos acabam por ocupar um papel periférico na organização funcional da população e da sociedade.

O século XX, apresentou-nos um panorama até então desconhecido: o envelhecimento da população e, como todo desconhecido, urge a necessidade de se refletir essa nova mudança social. A estrutura etária da população mundial vem mudando nos últimos anos devido ao aumento da expectativa de vida, da diminuição das taxas de mortalidade e natalidade, e por transformações no contexto social, que contribuíram para a longevidade da população.

O envelhecimento da população apresenta desafios para a sociedade, uma vez que se criam demandas de ordem política, social, econômica, edu-

cacional e de saúde: não tem jeito, precisamos olhar para os velhos¹, esses que caminham devagar e parecem não ter pressa.

Perante a necessidade de se discutir o envelhecer devido às novas demandas que esse processo acaba por gerar, diferentes olhares são lançados aos que possuem espaço na dita Terceira Idade, afinal, experimentar a finitude humana no corpo é algo único frente aos valores do contemporâneo que acaba por destinar aos idosos um lugar social estereotipado. Tais valores quase sempre se colocam na contramão do papel real dos idosos na conjuntura atual da sociedade, uma vez que acabam criando o mito de que o processo de envelhecimento é um problema social (MINAYO, 2011).

Criou-se, então, um paradigma: dentro de uma mesma sociedade, é permitido à população que viva mais, embora, frequentemente, a esse envelhecimento não seja dado o auxílio de teor político, moral ou psicológico necessário para que o envelhecer seja uma fase mais tranquila na trajetória da vida humana.

O Ser Idoso – o tempo é um ponto de vista

Há dois sinais de envelhecimento: o primeiro é desprezar os jovens. / O outro é quando a gente começa a adúlá-los (Mário Quintana, 1978).

No auge dos seus 72 anos, o velho Quintana respondia em forma de poesia o que ele próprio sentia. Não é novidade para os leitores de Quintana encontrar um tom confessional em sua poética. Ainda que o sujeito lírico não possa ser confundido com o poeta em carne e osso, o próprio autor se definia como velho, e fazia provocações sobre esse tema. Velho é quem é um ano mais velho que a gente? (QUINTANA, 1978).

O conceito sobre o envelhecimento está relacionado com o período e a realidade social da qual o sujeito encontra-se inserido. Sendo assim, não existe um único conceito para se definir o envelhecimento. No Brasil, a Política Nacional do Idoso (PNI), Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, e o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, estabelecem que pessoa idosa é aquela com 60 anos ou mais.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) atualmente, do ponto de vista demográfico, para pertencer ao topo da pirâmide etária é preciso atingir os 60 anos de idade – isso nos ditos países em desenvolvimento, onde se encaixa a realidade brasileira, cuja expectativa de vida é, geralmente, menor se compa-

1 O termo *velho* aqui utilizado é provocador, pois ele ainda é carregado de um sentido pejorativo historicamente ligado à representações negativas como feio e mau (que aparecem nas histórias infantis – magos, bruxas e madrastas). Hoje, utilizamos o termo *idoso*, em substituição ao termo *velho* embora essa parcela da população continue sendo concebida como seres inativos e improdutivos (FEATHERSTONE, 1998).

rado aos ditos países desenvolvidos. Já, para esses países, é considerado idoso, o sujeito que possui 65 anos ou mais (MOREIRA, 2000; CARVALHO, 2003).

É importante reconhecer que a idade cronológica não é um marcador preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento. Existem diferenças significativas relacionadas ao estado de saúde, participação social e níveis de independência entre pessoas que possuem a mesma idade. Ou seja, o envelhecer não é um processo homogêneo e acontece de forma diferente para cada sujeito (BRASIL, 2005).

Refletir sobre nosso próprio envelhecimento está longe de ser uma tarefa fácil. Envelhecer faz parte do viver. É um processo natural, vital, progressivo, universal e único, pelo qual todos os seres vivos experimentam desde o momento em que são gerados. Trata-se de um processo biológico com consequências psicológicas e que modifica a relação dos sujeitos com o ser e o estar no tempo e nos espaços, uma vez que a velhice não depende apenas dos dados biológicos: intervêm nessa condição, também, os fatores culturais.

Para Correia (2009), mesmo que tenham surgido leis que procuram garantir a proteção aos idosos, ainda há o descumprimento de políticas públicas e o desrespeito travestido no desamparo social e familiar, na falta de infraestrutura nos espaços públicos, no preconceito geracional, na violência física e psicológica, entre outros resquícios, nessa que Beauvoir (1990) chama de velhice indesejada. Indesejada, pois é considerada improdutiva no campo econômico e um fardo de inatividade para os ativos (BALTES, 2006), em uma espécie de sistema global de valores sociais.

Formam-se, então, subdivisões dentro da própria faixa etária: atualmente utilizam-se termos como “jovens idosos”, para os que têm entre 60 e 75 anos, “idosos idosos” para os que contam mais de 75 anos de vida e “idosos mais idosos” para os que possuem mais de 85 anos (DEBERT, 2004). Essa subdivisão informal, dentro do conceito de terceira idade, traz consigo inúmeras representações do dinamismo dos “jovens idosos”, que seriam participantes ativos na sociedade, embora aposentados.

Olhar para esses sujeitos que hoje mantemos certa distância, coloca-nos a refletir sobre nosso próprio destino, sobre os discursos presentes e os possíveis enfrentamentos futuros que nos serão apresentados. Mas quem são os sujeitos que compõe o topo dessa pirâmide etária?

Na nossa disciplina escolar, a Geografia, a temática do idoso está diluída entre as páginas sobre estudo da população, apontada nas pirâmides etárias e resumida nos parágrafos sobre expectativa de vida e gráficos sobre o envelhecimento da população. Mas os idosos só aparecem inseridos em gráficos sobre o envelhecimento da população nos livros didáticos de Geografia?

Não, os idosos não aparecem apenas nos gráficos. Eles aparecem, também, em poucas imagens. Nelas, está estampada a representação de uma

terceira idade satisfatória, com idosos brancos, pertencentes à subdivisão “jovens idosos” (DEBERT, 2014), ora com um sorriso por estarem em atividade em um grupo da mesma idade, ora por estarem entre os mais jovens. Como alerta Tonini (2013), as imagens no livro didático reforçam a memória visual dos estudantes, uma vez que são consideradas veículos dos significados e das mensagens simbólicas produzidas discursivamente. Com isso, as imagens se fazem pedagógicas por trazerem os significados ali inscritos. O estudante, quando entra em contato com o idoso em outros locais e em outros momentos, aquele primeiro significado trazido na imagem do livro, aciona sua memória e o coloca na direção da naturalidade dos posicionamentos a ele destinados.

São raras as vezes que o livro didático aborda o Estatuto do Idoso, embora o documento das *Diretrizes Curriculares da Educação Básica* de 2013, agregue à LDB a complementação da Lei nº 10.741/2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, onde, no seu artigo 22, determina que:

Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal, serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria (2003).

Assim, a LDB sugere que as escolas ofereçam práticas escolares que contemplem a integração de gerações, através de reflexões sobre o direito dos idosos, baseado, primordialmente, no Estatuto do Idoso. Dessa forma, o movimento se daria em facilitar a tolerância, aproximar as gerações e, principalmente, formar cidadãos sensíveis aos Direitos dos Idosos constituindo-se, esse, de mais um elemento que contribua na formação da cidadania no aluno.

Nesse sentido, a Geografia como disciplina escolar, ganha um papel de destaque por seu caráter interdisciplinar, possuindo uma índole fundamental para a formação de um sujeito que reflita sobre as diferentes leituras do mundo em que vive, colaborando na constituição de cidadania do aluno. Afinal, basta querer e atentar nosso olhar para a temática dos idosos, que os percebemos fazendo suas geografias pelos diferentes espaços da cidade e das nossas vidas.

A leitura de mundo deve acontecer na interação dos sujeitos entre si e com os ambientes em que vivem, sejam eles reais ou virtuais. A leitura do mundo, instrumentalizada pela Geografia e com colaboração das demais disciplinas, fornece aos alunos, elementos que possibilitam ler o espaço geográfico por meio do letramento geográfico que, ao longo do processo escolar, o torna capaz de compreender as interações que se apresentam no espaço.

Nessa direção, Kaercher (2010), destaca que o professor é elemento fundamental no processo de conscientização do aluno sobre a participação de cada sujeito no espaço já que a Geografia é uma ciência que abrange temas

com características físicas e humanas, o que possibilita construir nos sujeitos um saber crítico sobre as questões no mundo. Olhar para o mundo e para a população, olhar para como esses sujeitos são atravessados por discursos multifacetados que perduram e se perpetuam no tempo e no espaço.

Assim, o ensino de Geografia pode ser um espaço importante para a discussão de temáticas como a questão da cidadania do idoso, já que o mesmo aparece – ainda que superficialmente – nas entrelinhas das projeções populacionais discutidas no capítulo de *População Mundial*, dos livros didáticos do Ensino Médio. Mas o que dizem essas projeções aos nossos alunos? Será que os estudos de expectativa de vida bastam para falar da qualidade de vida da população idosa? Afinal, conseguimos, de fato, entender o processo do envelhecimento na sociedade contemporânea?

Todos são nossos – panorama do envelhecer brasileiro

Mas quem estamos jogando na invisibilidade? A nossa própria população? Concomitante com a população mundial, o Brasil que era conhecido como um país jovem, está ficando cada vez mais grisalho. Segundo dados da OMS, em menos de nove anos, o Brasil será o sexto país do mundo com maior número de idosos (projeções para o ano de 2025).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou em 2010, cerca de 20,6 milhões de idosos no Brasil, representando 10,8% da população, uma das menores percentagens para essa faixa etária das pessoas se compararmos com os outros países do mundo.

De acordo com projeções baseadas no Censo de 2010, realizado pelo IBGE, o número de pessoas com 60 anos ou mais no Brasil continuará aumentando: há indicações de que em 2020, serão em torno de 30 milhões de idosos e em 2040, serão 55 milhões podendo chegar a 73,5 milhões de idosos em 2060, o que representará 33,7% da população brasileira. Junto a isso, a perspectiva, é que haja o aumento da expectativa de vida do brasileiro, de 74,9 anos em 2012, para 77,8 anos em 2040 (IBGE).

Com esse ritmo acelerado e o número da população idosa dobrando, não podemos negar que esse contingente da população exigirá novos olhares. Atualmente a visibilidade alcançada pela velhice é analisada por um triplo movimento: social, econômico e político (DEBERT, 2004). Como podemos perceber, as preocupações que dizem respeito a políticas e recursos públicos, previdência, infraestrutura, reconhecimento e interação social, dão novos sentidos dirigidos à velhice. Os desafios que se desenham são muitos.

Na medida em que a população idosa se expande, muda a composição demográfica e acaba por influenciar diretamente o espaço geográfico. Esse segue sua transformação em preocupação social modificando e transfor-

mando o espaço para abrigar grande parte desta população em ascensão. Os idosos tem sua autonomia e, portanto, presença e uso significativos nos espaços da cidade. Entretanto, embora já apresentem um perfil demográfico semelhante ao dos países desenvolvidos, observamos que os grandes centros populacionais brasileiros, ainda não dispõem de infraestrutura de serviços que dê conta das demandas decorrentes das transformações demográficas vigentes.

É certo que, ao lado dessas e de outras tantas novas ofertas de espaços sociais, existe ainda uma velhice segregada pela sociedade. Nogueira (2008) indica, através de estudos, que a falta de infraestrutura de instalações adequadas nas cidades brasileiras para atender a demanda de idosos, a desinformação, o preconceito e o desrespeito aos cidadãos da terceira idade, somam-se à precariedade de investimentos públicos para atendimento às necessidades específicas da população idosa e a carência de programas específicos. E, ainda, afirma que:

A velhice ainda é despolitizada, assim é necessário que se busque caminhos para politizá-la e conquistar um novo lugar e significado na sociedade, bem como a marca de uma nova presença do idoso pelo exercício pleno da cidadania (NOGUEIRA, 2008, p. 197).

Como podemos observar, os modos como a sociedade lida e percebe a velhice são variados. Dias Júnior e Costa (2003) observam que o discurso do envelhecimento é tratado em artigos veiculados em periódicos com quatro principais eixos: envelhecimento, renda e família, envelhecimento e saúde, envelhecimento e institucionalização e, envelhecimento e dinâmica demográfica, porém, na questão da educação, ela ainda é incipiente.

Olhando para nosso íntimo, observando o que está ao nosso redor, desconfortamo-nos. Desconfortamo-nos como geógrafas, por aprendermos a refletir sobre o espaço geográfico. Desconfortamo-nos ao deparar com a triste realidade de que, contrariando alguns ditos, os espaços não são para todos. As cidades não são para todos. E, enquanto profissionais do ensino de Geografia, o desconforto que gerou tensionamentos, passou a se dar nas seguintes questões: Onde é o lugar dos idosos dentro da escola? Em que momento discutimos sobre essa parcela da sociedade na sala de aula? Os idosos são invisíveis para outros segmentos da população, como os jovens ou não?

É por isso, que consideramos importante abordar essa temática, diluída dentro do conteúdo “população e cidades”, na disciplina de Geografia de forma mais aprofundada. Nesse contexto, emergiu para a pesquisa, como intenção de procedimento, apresentar uma metodologia rizomática (DELEUZE, 1995) de ensino sobre os idosos, utilizando a Cartografia Colaborativa Digital, para entender como os alunos, do Ensino Médio do Instituto de Educação Flores da Cunha, construíram leituras-grafias sobre a cidade.

Para tal, nos aprofundamos no assunto no intuito de compartilhar e construir com os alunos, estudos e análises, sob as lentes da Geografia e dos Estudos Culturais, para as transformações demográficas que acontecem a nível mundial, federal e estadual, discutindo questões de políticas públicas, panoramas sociais e econômicos dos diferentes discursos que constroem múltiplas facetas sobre a terceira idade.

Apontamos nosso olhar para o cotidiano da cidade de Porto Alegre e miramos nas questões de infraestrutura e acesso à cidade, ao lazer e à saúde da população idosa. Perante a esse leque de possibilidades, acabamos por escolher, durante os percursos trilhados, aqueles caminhos que ofereceram sentido para a nossa cartografia das representações do envelhecer em Porto Alegre, cidade que se condecora como *Cidade Amiga dos Idosos*.

Cidade de Porto Alegre

Seis décadas da idade cronológica é o suficiente para colocar o sujeito na terceira idade. Seis décadas de vida, acompanhando as transformações sociais, as relações da sociedade com o espaço, e o desenvolvimento e transformação da cidade, é um acúmulo de informação e conhecimento que se traduz em uma vasta bagagem individual.

Porto Alegre, a “pequena grande cidade” do velho poeta Mário Quintana é, também, a cidade de 211.896 pessoas com mais de 60 anos, o que resulta em um percentual de 15,04% do total de 1,4 milhões de habitantes na cidade. Isso faz de Porto Alegre a capital com o maior número de idosos no país, de acordo com o Censo 2010, do IBGE. Comparando os Censos do IBGE de 2000 e 2010, notamos que o total de idosos aumentou cerca de 30%.

Muitos carregam cabelos brancos e marcas de expressão como parte de sua história. Outros aparentam ser bem mais jovens, mas já completaram seis décadas de vida. A faixa etária que compreende as idades de 60 a 69, é a que concentra o maior número de idosos, representando 52,70% da população idosa da capital gaúcha.

Já percebemos que, apesar de ser uma parcela expressiva da população, a terceira idade nem sempre recebe a atenção necessária de familiares, da sociedade e do poder público. Diante deste novo contexto, tornou-se fundamental e imprescindível para as gestões públicas pensarem no sujeito idoso.

É por isso, que a cidade de Porto Alegre, por meio do Executivo Municipal, autorizou que a Secretaria Municipal de Direitos Humanos (SMDH) se subdividisse em cinco secretarias adjuntas: Idoso, Povo Negro, Mulheres, Povos Indígenas e Direitos Específicos, e Livre Orientação Sexual. Assim, através da Lei Complementar nº 444 de 30 de março de 2000, implementou-se o Conselho Municipal do Idoso de Porto Alegre (COMUI), que é um órgão

deliberativo, propositivo, consultivo e fiscalizador das políticas públicas destinadas a promover os direitos dos idosos.

O intuito era que, com esta nova estrutura, questões de políticas públicas ligadas à população idosa passassem a ter uma secretaria dedicada para assuntos exclusivos a essa população. A criação do Conselho Municipal do Idoso (COMUI), pela secretaria, aconteceu com o objetivo de haver contribuição aos órgãos e entidades públicas e privadas, sempre que houvesse interesse relativo aos direitos e ao bem-estar do idoso e à qualificação dos serviços existentes em Porto Alegre, para o atendimento dos idosos.

Foi pensando na melhoria da qualidade de vida, através de um envelhecimento bem-sucedido, que a Secretaria Adjunta do Idoso (SMDH) assumiu, o que o Secretário Adjunto do Idoso, André Canal, considerou um desafio: a construção do *Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto Alegre*², cuja intenção é tornar a cidade cada vez mais preparada para atender as necessidades da pessoa idosa. Foi um desafio porque, segundo ele, o orçamento que a Prefeitura Municipal de Porto Alegre os autorizou era bem menor do que o necessário.

Uma vez que Porto Alegre candidatou-se ao selo de *Cidade Amiga do Idoso*³, fez-se necessário consolidar uma política pública bem-estruturada, objetivando a melhoria da qualidade de vida da população maior de sessenta anos, com prestações de serviços e avanços na infraestrutura da cidade sendo, segundo o Secretário,

[...] um marco garantidor de políticas públicas em prol dessa camada da população. A pessoa idosa tem a capacidade de se manter ativa e participativa na nossa sociedade. Isso só acontecerá se criarmos políticas públicas que façam as pessoas idosas se sentirem valorizadas e se criem espaços para o mesmo. Porto Alegre é a primeira cidade brasileira a criar um Plano para a pessoa idosa⁴ (CANAL, 2016, p. 6).

A trama do espaço urbano deve ser encarada de forma holística, já que o sistema de organização como um todo determina como se comportam

- 2 Elaborado durante o ano de 2015, e tendo seu lançamento oficial em novembro do mesmo ano, o *Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto Alegre* levou em consideração os marcos regulatórios existentes em nível local, nacional e internacional, contemplando princípios, diretrizes e objetivos, cuja implantação deverá acontecer, gradualmente, entre os anos de 2016 e 2018. Neste sentido, o Plano possui 64 metas distribuídas em oito Eixos Temáticos: Assistência Social, Saúde, Educação, Trabalho, Previdência Social, Habitação, Urbanismo e Acessibilidade, Segurança e Direitos Humanos, Cultura, Esporte e Lazer, e Transporte. O objetivo foi a construção de metas para criação e/ou melhoria das infraestruturas necessárias para favorecer a participação da pessoa idosa na sociedade porto alegreense.
- 3 O Programa Cidade Amiga do Idoso (*Age-friendly Cities*) foi decorrente das diretrizes do *Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento*, proposto pela Organização das Nações Unidas, em Madri (2002), que busca informações para a discussão e a formulação de planos de ação que beneficiem um envelhecimento saudável e ativo.
- 4 A aplicação desse programa foi viabilizada com recursos da OMS que passou a estabelecer características que uma cidade precisa ter para ser credenciada como uma *Cidade Amiga do Idoso*. Nesse caso, oito quesitos devem ser contemplados, como investimentos na área da Saúde, Moradia, Transporte, Comunicação/Informação, Esportes, Assistência Social, Trabalho e Emprego.

as partes através da interatividade. Nesse sentido, nosso objetivo enquanto docentes, está na tentativa de instigar e atentar o olhar dos jovens alunos para a população idosa nos espaços da cidade de Porto Alegre, levando em consideração todos os discursos sobre a terceira idade, pautados durante as aulas de Geografia e que nos atravessam ao longo dessa jornada.

O desafio da pesquisa foi discutir com os alunos do Ensino Médio as diferentes leituras que realizamos hoje sobre os idosos no mundo contemporâneo, como essas leituras se refletem nas nossas práticas sociais e como elas interagem com o espaço urbano de Porto Alegre, procurando analisar a forma com que os idosos se apropriam desse espaço, buscando compreender esses dados para compor a nossa Cartografia Colaborativa Digital, resultado da interpretação do nosso olhar geográfico para a cidade, refletido através das aulas de Geografia.

Será que Porto Alegre realmente é uma cidade amiga dos idosos?

Modos de fazer acontecer – uma alquimia metodológica

Esta ação teve a finalidade de oportunizar os alunos a desenvolver um modo de pensar e agir através das representações sociais, ao considerar a espacialidade das coisas, dos fenômenos que vivenciam e para que compreendessem como os espaços, construídos socialmente, podem ter diferentes leituras conforme o olhar atento do observador.

Portanto, a escolha de criar um rizoma, unindo os conhecimentos disponíveis para enfrentar situações novas, trabalhar em equipe, desconstruir discursos, (re)construir conceitos, ter um olhar para além dos muros da escola, se solidarizar, respeitar, valorizar o outro e vivenciar a cidade a partir do olhar de um grupo específico e, muitas vezes, invisível, foram os elementos norteadores da referida pesquisa.

Mas como instigar o aluno a olhar para os idosos na cidade? Esse foi o grande desafio nessa alquimia metodológica (PARAÍSO, 2004), que se baseou nas análises de discursos – procedimentos retirados dos trabalhos de Michel Foucault –, costurada pela perspectiva rizomática de Gilles Deleuze, que busca considerar as diversas formas de conhecimento que nos atravessam ao longo da pesquisa e que nos levam a tecer nossos caminhos e olhares.

Nesse caldeirão de análise, aproximando as práticas geográficas escolares ao buscar seduzir no aluno o interesse de perceber o envelhecer nos espaços públicos de Porto Alegre, essa pesquisa se dá como uma experimentação. Experimentação, porque tateamos métodos, passo a passo construímos coletivamente aprendizados, levando em consideração outros saberes dos sujeitos envolvidos. Sabendo que não existe um livro de metodologia a ser seguido, aceitamos, com a alquimia, relatar significações, enunciações, sensações,

sentimentos para buscar, dentre outros acontecimentos, “as condições sob as quais algo de novo é produzido” (SILVA; CORAZZA; ZORDAN, 2004, p. 16).

A temática do idoso nos espaços da cidade de Porto Alegre forneceu ao aluno instrumentos necessários para que ele fosse um mapeador (CAVALCANTI, 2012) e um comunicador daquilo que se pesquisou. Os sujeitos mapeadores dessa pesquisa foram os alunos do 3º Ano do Ensino Médio de uma tradicional escola estadual de Porto Alegre, o Instituto de Educação Flores da Cunha, localizado no bairro Farroupilha, bairro central de Porto Alegre.

A escolha da participação dessa escola na pesquisa se deu por um conjunto de fatores importantes, como a localização da escola e o perfil do aluno. Além de ser referência no ensino público de Porto Alegre, a instituição localiza-se em um bairro central sendo uma escolha facilitadora para o deslocamento deles na cidade, já que boa parte dos alunos vêm de outros bairros e, uma parcela desses alunos, sai da escola e desloca-se para seus empregos, no turno da tarde. Com esse perfil, esse é o aluno que costuma andar pela cidade, usar transporte público, ocupar diversos espaços, possuindo autonomia de percorrer, analisar e refletir sobre esses espaços.

A intencionalidade da pesquisa era a de se colaborar com uma cartografia digital proposta no site *Mapeando o topo da pirâmide*⁵ e inserir Porto Alegre entre as cidades participantes. No entanto, a pesquisa buscou desenvolver uma metodologia rizomática para se grafar as relações entre os idosos e a cidade de Porto Alegre, representada por alguns bairros selecionados para tal.

O termo *Cartografia Colaborativa* é recente, surgiu a partir de propostas de mapeamento coletivo por grupos artísticos ou culturais, muitas vezes veiculadas em redes mundiais de computadores (internet) ou em meios de comunicação midiáticos (aplicativos). Portanto, utilizaremos essa acepção de cartografia colaborativa, que está ligada à arte e a cultura, possibilitando diversas experimentações no contexto escolar.

Devemos considerar que esse tipo de mapeamento, o colaborativo, acompanha a tendência de informações geográficas obtidas por contribuição voluntária dos sujeitos (*Volunteered Geographic Information/VGI*), sendo uma das possibilidades de um fenômeno maior na *web*, que é o con-

5 O site *Mapeando o Topo da Pirâmide* – <http://mapeamento.faed.udesc.br/cidades/florianopolis/> – consiste em uma proposta de uma Cartografia Colaborativa Digital através do projeto *Brasil um país que envelhece?! Saberes e fazeres da Geografia na construção da cidadania*, desenvolvido numa parceria entre o curso de Geografia da FAED/UDESC e a UFSC, que tem como objetivo desenvolver uma metodologia para o ensino-aprendizagem de Geografia utilizando conjuntamente as tecnologias digitais, a Cartografia Colaborativa e a Cartografia Escolar para abordar o tema do envelhecimento da população brasileira no espaço urbano. Este projeto foi aprovado pela Chamada Pública: UNIVERSAL MCTI/CNPq 014/2013. Para o desenvolvimento do projeto, foram selecionadas quatro cidades brasileiras: Florianópolis (SC), Porto Alegre (RS), João Pessoa (PB) e São João del-Rei (MG).

teúdo compartilhado gerado pelo usuário. O VGI passou a ser visto como oportunidade de gerar conteúdo diverso através dos sistemas de informação geográfica (GIS). Essa possibilidade oportuniza e viabiliza a integração de simples contribuições de diversos sujeitos a dados detalhados e sofisticados, mantidos por instituições públicas e privadas, utilizando-se a internet como fonte de consulta e colaboração.

Na Cartografia Colaborativa, existem duas categorias de mapas em função de suas características específicas: aqueles desenhados a partir do deslocamento de sujeitos, manuais, com a colagem de diversas informações coletadas por todos os participantes e os mapas fixos, digitais, nos quais informações são coletadas, enviadas e apresentadas. É justamente nesta última categoria que utilizaremos a Cartografia Colaborativa proposta aqui, a digital, que irá servir como uma ferramenta aliada à Cartografia Escolar. As principais características da Cartografia Colaborativa Digital são a de dar sentido aos espaços da cidade, ser integradora e motivadora, já que os alunos estão acostumados e gostam de utilizar ferramentas tecnológicas como propostas de trabalho em sala de aula.

A utilização das tecnologias digitais, nessa concepção de mapeamento coletivo, com um determinado tema de interesse, que também é coletivo, pode se configurar, como argumenta Callai (2003), em um instrumento útil para ler e entender o mundo, exercitar a cidadania e formar cidadãos, que é um dos objetivos da disciplina de Geografia. Pode também motivar os alunos na desmistificação dos mapas quando se tornam seus autores.

Pensando de forma coletiva, os alunos podem decidir quais elementos que o mapa deve conter e como fazer a comunicação deste mapa. A comunicação associada à visualização cartográfica deve tornar os mapas disponíveis a um público cada vez mais amplo.

Para isso, os alunos precisaram levantar e organizar os dados, decidir como representá-los, formatar em mapas ou gráficos, e desta maneira, aprenderam a fazer representações gráficas e cartográficas. Sendo um criador de mapas e gráficos, ele se capacita a lê-los e entender os dados veiculados, transformando-os em informações e em conhecimento, quando consegue pensar nas espacialidades de diferentes formas.

Uma das características deste tipo de pesquisa-experimentação é que através dela se procura intervir na prática de modo inovador. Já, no decorrer do próprio processo de pesquisa, foram compartilhadas, entre a turma, informações, discussões, situações cotidianas que agregaram elementos e acabaram sugerindo caminhos no procedimento metodológico.

Sem perder o rigor, arriscamos investigar, de um modo diferente, as percepções que os idosos possuem dos espaços públicos de Porto Alegre, através de uma análise comparativa sobre o que o Plano Municipal da Pessoa

Idosa de Porto Alegre diz ser a cidade e como os idosos que vivem na cidade a concebem. Esses foram os caminhos pelos quais optamos realizar nossa Geografia nessa cidade condecorada como Cidade Amiga dos Idosos.

Metodologia rizomática de ensino sobre os idosos

Diante do tensionamento dos discursos sobre o envelhecer em sala de aula e com um olhar mais apurado para os espaços da cidade, a intenção foi propor ao aluno uma reflexão sobre qual é a sua percepção do idoso nos espaços públicos de Porto Alegre e pesquisar como esse sujeito vive esse espaço, procurando estabelecer um mapeamento crítico dos bairros por onde circulam, sob o olhar dos idosos em relação à cidade, seus espaços públicos, sua infraestrutura, qualidade, mobilidade, lazer e acessibilidade.

Para cartografar coletivamente essas percepções do vivenciar a cidade, elaborando registros sobre os lugares, sobre as nossas percepções cotidianas anteriores, sobre as pessoas que circulam e constroem a rede da cidade, os fenômenos e as práticas sociais, foi crucial o planejamento de uma saída de campo para a realização da pesquisa.

A análise das ideias que propõe o *Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto Alegre* foi crucial neste momento. Após analisarmos os inúmeros discursos, as diferentes facetas da população idosa de Porto Alegre, os serviços e as realidades estarem em contato com a infraestrutura da cidade, sentimos-nos apropriados a uma análise avaliativa das propostas que contêm o Plano.

Dos oito eixos de análise que o Plano contém, nos atentamos especificamente a três, que interessavam diretamente a pesquisa: Saúde, Urbanismo e Acessibilidade, Esporte e Lazer. Isso porque, para a nossa pesquisa, elencamos três eixos de análise para a saída de estudos que foram Saúde, Lazer e Acessibilidade. Nesse sentido, a saída de estudos começou a ser pensada nesse momento, pois percebemos que podíamos mapear a cidade, baseados nas metas propostas pelo *Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto Alegre*.

A pré-organização do campo foi em longo prazo, quando, ainda na etapa da análise das diferentes facetas sobre a população idosa, íamos separando informações e dados que poderiam colaborar no planejamento do campo. Desenvolvendo temáticas geográficas relacionadas à cidade e aos idosos, o trabalho de campo pode ser visto como uma exemplificação do que foi discutido em sala de aula.

A escolha do perfil de alunos com os quais gostaríamos de trabalhar já foi, de certa forma, uma preocupação para o exercício de campo. Pesquisar com alunos que por motivos sociais, econômicos e culturais moram em diferentes bairros, é pesquisar com sujeitos que vivem a cidade através dos seus

deslocamentos cotidianos, que ocupam diversos espaços da cidade e que possuem autonomia para percorrer, analisar e refletir sobre esses espaços.

Tal escolha (re)afirmou sua importância quando, ao discutirmos sobre os bairros de Porto Alegre com o maior número de idosos, os alunos reconheceram seus bairros. Ao analisarem o estudo levantado pelo site do Observa-POA sobre o perfil de moradores dos bairros de Porto Alegre e compararem com os dados do portal “População” sobre os bairros com maior número de idosos em Porto Alegre, muitos se surpreenderam por também serem moradores desses bairros e desconhecerem tal informação. A partir daí, houve interesse em pesquisar seus bairros, dentro das possibilidades da pesquisa. Com base na escolha dos bairros a serem analisados, percorridos e mapeados, começou-se a organização e o planejamento do campo.

A preparação para a saída de campo ocorreu de forma coletiva, onde foi analisado, discutido e decidido quais bairros seriam pesquisados e quantos seriam os grupos de pesquisa. O campo foi realizado durante o turno da manhã de uma primavera em Porto Alegre e cada grupo, que era composto de três a quatro alunos, foi liderado por um aluno que já era morador do bairro, facilitando assim, o deslocamento pelas ruas mais conhecidas e percorridas pela população. Assim, foram escolhidos os bairros: Bom Fim, Centro, Cidade Baixa, Menino Deus, Santana e Rio Branco.

A escolha dos caminhos transcorridos pelos respectivos bairros respeitou o interesse e a curiosidade dos alunos, sem desconsiderar os objetivos da pesquisa. Se todo lugar, ou, como diz Santos (1996) “todo objeto” contém o mundo, também qualquer lugar presente nas representações individuais ou coletivas pode ser objeto de estudo da Geografia. Assim, uma das maneiras encontradas para a pré-organização do material para análise após a saída de estudo, foi a de se percorrer as ruas coletando materiais, anotando informações para, posteriormente, elaborar mapas mentais⁶. Tais mapas oportunizam identificar que signos estão presentes nas diversas representações individuais.

Procuramos levar em consideração aspectos como: localização de lugares públicos na cidade onde há respeito e/ou desrespeito ao *Estatuto do Idoso*, as infraestruturas (in)existentes para essa faixa etária, acessibilidade, facilidade ou dificuldades de mobilidade desta população pelos bairros da cidade baseados no nosso entendimento sobre o *Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto Alegre*.

Sendo assim, a observação do aluno em relação aos idosos, às descrições e as analogias que foram se revelando a partir da nossa alquimia metodológica, nutriram e constituíram a nossa Cartografia Colaborativa Digi-

6 Os mapas mentais podem ser entendidos como uma linguagem referendada no sistema de relações onde estão imbricados valores, sentimentos, atitudes e vivências expressos em imagens que representam o espaço vivido (KOZEL, 2010).

tal. Assim, busquei ter como resultado, um objeto de ensino-aprendizagem desenvolvido e construído pelo aluno, concedendo a oportunidade de construir coletivamente um mapeamento e dando-lhes a autonomia para a autoria colaborativa desse objeto de aprendizagem.

Ao aplicar a metodologia de pesquisa-experimentação, consideramos a inserção do aluno-pesquisador no meio pesquisado, isto é, no caso da pesquisa, concebemos o fato de que os alunos formaram uma equipe de pesquisadores com autonomia para a busca dos dados da realidade. Foi também considerada a participação efetiva da população pesquisada, no caso, os idosos, através das entrevistas conduzidas pelos alunos, que buscaram dar sentido às suas percepções dos espaços da cidade e como eles veem e vivem esses espaços.

Se essa proposta é entender o espaço geográfico segundo o lugar e os sujeitos que compõem uma parcela significativa da população, é fundamental que os alunos “mergulhem” nesse contexto. Depois de diversas discussões em sala de aula sobre as representações e (in)visibilidades dos idosos para a sociedade, os alunos mostraram-se preparados a focar o olhar para a cidade nessa direção.

Nesse sentido, os alunos coletaram, durante a saída de campo, as informações⁷ necessárias que constituíram o mapeamento colaborativo, a partir das orientações estabelecidas em sala de aula. Participar de ações coletivas capazes de promover melhores condições de vida para grupos sociais com base nas potencialidades locais é um dos objetivos de aprendizagem do componente curricular de Geografia para o Ensino Médio, disposto no documento da BNCC.

Essas informações foram levadas posteriormente para a sala de aula e fizemos, daqueles encontros, momentos de compartilhar, debater, sistematizar e representar os dados do campo usando imagens, vídeos e gráficos que ajudaram a compor a nossa Cartografia. Os dados e informações que selecionamos para compartilhar digitalmente e compor nossa colaboração na cartografia da página da internet *Mapeando o topo da pirâmide*, foram analisados conjuntamente pelos alunos, que realizaram a pesquisa e, dessa forma, arranjados, levaram em consideração a importância daquela informação para representar a totalidade dos nossos estudos.

Os alunos puderam, por meio de sistemas de autoria, construir um arsenal de material em relação aos idosos na cidade. Esse material final, fruto da investigação dos alunos durante toda a pesquisa, foi organizado e estrutu-

7 Os alunos construíram coletivamente um questionário qualitativo onde foram considerados três aspectos principais: a percepção da cidade pelos idosos no que diz respeito à Saúde, ao Lazer e a Acessibilidade, baseado nos estudos e discussões ocorridas durante as aulas. Além disso, foi coletado material audiovisual através de vídeos e fotografias. Todo esse material foi analisado, selecionado e posteriormente, utilizados para compor a nossa Cartografia Colaborativa Digital.

rado por bairros para assim ser enviado aos designers gráficos responsáveis pelo conteúdo do site, ligados à UFSC.

A ideia de se colaborar com um mapeamento temático digital foi o propulsor da nossa pesquisa. Tendo em vista que toda a construção de um mapa, seja ele analógico ou digital, resulta de um conhecimento acumulado acerca de determinada área (RAMOS, 2005), fez-se necessário a inserção dos alunos na temática do idoso sob diferentes prismas.

Após os alunos se contagiarem com a temática, refletirem e se indagarem, eles saíram do lugar. Não apenas “saíram do lugar” físico como saíram dos seus lugares de observação, de ideias prontas e dos discursos comuns em relação ao idoso. Todo esse deslocamento e movimento aconteceu, pois, ao longo dos encontros, passamos a desenvolver coletivamente outras sensibilidades e olhares. Só assim se pôde, posteriormente, estabelecer uma ponte entre o nível da realidade e a percepção da mesma.

Isto significou um aprofundamento da temática do lugar, agora revelado em sua complexidade dentro da nossa temática do idoso e na construção da nossa Cartografia Colaborativa apoiada na percepção e na observação do idoso da cidade de Porto Alegre.

A riqueza da proposta está em analisar os diferentes olhares para os idosos e produzir conhecimentos que ampliem a leitura do espaço geográfico focados no interesse dos alunos. Como são espaços que se constituíram em lugares, possuem um vínculo com os sujeitos e, portanto, os idosos foram os mobilizadores de aprendizagem.

Todas as informações sistematizadas, referentes à população idosa de cada bairro escolhido, na cidade de Porto Alegre, para a pesquisa, construíram o que se denomina atualmente de Cartografia Colaborativa Digital, e poderá ser acessada por qualquer um utilizando o computador, *tablet* ou celular. Tais dados e informações, bem como todo o material gerado e selecionado em conjunto, foram entregues pelos alunos aos administradores da página da internet programada exclusivamente para esse fim.

Além disso, como preconiza o método, a pesquisa é pautada em princípios éticos, pois os resultados foram socializados na Internet, através da página da Cartografia Colaborativa, construída pelos alunos, para que todo o grande grupo pudesse conhecer as condições do viver idoso na cidade.

Durante o percurso cartográfico, de forma rizomática, foi-nos possível entrar em contato com essas materialidades da finitude humana e suas formas de expressão inscritas na sua relação com a cidade: de acordo com as grafias dos alunos, para a cidade de Porto Alegre ser, de fato, a *Cidade Amiga do Idoso*, muito falta.

Por meio desta pesquisa, se evidenciou uma realidade muito distante da apresentada pela Prefeitura de Porto Alegre, para concorrer a esse título. Por

se tratar de um estudo sobre a interação dos idosos com os espaços públicos foi importante abordar as políticas públicas e como elas, de fato, garantem uma efetiva relação entre essa população e o acesso à cidade.

Uma cidade que visa essa titulação necessita oportunizar espaços de trocas e permanências, cultura e lazer, acesso e saúde para que o envelhecimento ativo seja possível e viável. Se é sabido que somos uma sociedade que conquistou a longevidade através da revolução médica, é preciso ter uma sociedade estruturada para esse novo contexto.

Dos cinco bairros percorridos pelos alunos todos apresentaram problemas de acessibilidades, apresentando má-infraestrutura nos passeios públicos, muitos com risco de quedas, e, segundo a percepção dos idosos entrevistados, a insegurança é o maior limitador do uso dos espaços públicos da cidade. Calçadas com desníveis, raízes de árvores e degraus oferecem perigo para o vai e vem do idoso na cidade. Embora existam espaços para o lazer, neles faltam programas de atendimento à população idosa.

O término da nossa pesquisa se dá junto com o término de várias políticas públicas, em âmbito federal, estadual e municipal. E não só para o idoso, mas para pessoas menos favorecidas, classes trabalhadoras e sociais. Minha escrita foi atravessada por diferentes preocupações e momentos de luta em tempos de reformas governamentais.

Poucos meses após o término da nossa pesquisa, houve a extinção da Secretaria Adjunta do Idoso⁸. Ver o término do *Plano Municipal da Pessoa Idosa* sem sequer ter iniciado, é ver ruir o mínimo de planejamento que a cidade de Porto Alegre estruturava para essa parte da população. É perceber, claramente, que existem parcelas da população que já não servem mais.

Ter essa temática em sala de aula e poder discutir abertamente com os alunos em tempos de *Escola sem partido* é mais do que uma pesquisa, é um ato político. Ver um grupo de jovens se interessando pelas políticas públicas para o idoso, pelo futuro de uma população em um país sem garantia de direitos pósteros, e indo pra rua gritar contra a Reforma da Previdência e da Educação porque se atentou sobre isso na sala de aula foi um verdadeiro aprendizado.

Discutir com os alunos a Reforma da Previdência está muito além de estar versando sobre a temática do idoso. É um marco político, um fato histórico, uma mudança de paradigma. É discutir em sala de aula tudo o que está

8 Para o prefeito de Porto Alegre, na gestão 2017-2021, Nelson Marchezan Júnior, uma reforma administrativa e a extinção de várias secretarias era uma ação necessária. O projeto da gestão tucana define a extinção de 16 secretarias, entre elas a Secretaria Municipal dos Direitos Humanos (SMDH), da qual pertencia a Secretaria Adjunta do Idoso e a Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME), secretaria esta, responsável por atividades de esporte e lazer gratuitas para todas as idades no município de Porto Alegre. A SME, junto com a Secretaria Adjunta do Idoso são as duas secretarias municipais que melhor tratam sobre a questão da terceira idade. Pela SME, alguns programas de atendimento à Saúde e ao Lazer são realizados especificamente para a população idosa.

por trás disso, os interesses, os jogos políticos, a nossa posição na construção da nossa cidadania.

Referências

BALTES, P.; Smith, J. Novas Fronteiras para o Futuro do Envelhecimento. **A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento**. São Paulo, vol. 17, n. 36, p. 175-190, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. **Pesquisa Nacional de Saúde**. Disponível em: <<http://www.pns.icict.fiocruz.br>>. Acesso em: 08/08/2017.

BRASIL, BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 17/09/2017.

BRASIL, IBGE. **Primeiros Resultados Definitivos do Censo 2010**: População do Brasil é de 190.755.799 Pessoas. Sala de Imprensa IBGE. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=18>>. Acesso em: 15/09/2017.

BRASIL. **Organização Pan-Americana da Saúde**. Envelhecimento Ativo: uma Política de Saúde. Brasília, 2005.

CALLAI, Helena C. O Ensino da Geografia: Recortes Espaciais para Análise. In: CASTROGIOVANNI, A. C. *et al.* (Orgs.). **Geografia em Sala de Aula: Práticas e Reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2003.

CAVALCANTI, Lana S. Ensino de Geografia e Diversidade: Construção de Conhecimentos Geográficos Escolares e Atribuição de Significados pelos Diversos Sujeitos do Processo de Ensino. In: CASTELLAR, Sonia (Org.). **Educação Geográfica: Teorias e Práticas Docentes**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **O Ensino de Geografia na Escola**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.

CENEVIVA, W. Estatuto do Idoso e Constituição Civil: a Terceira Idade nas Alternativas da Lei. **Revista a Terceira Idade**. São Paulo: Sesc-Geti, v. 15, n. 30, p. 7-23, maio, 2004.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do Envelhecimento na Contemporaneidade: Velhice e Terceira Idade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice**. São Paulo: Ed. USP/FAPESP, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**. vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS).

DIAS JÚNIOR, C. **O Envelhecimento da População Brasileira**: uma Análise de Conteúdo das Páginas da REBEP. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_81.pdf>. Acesso em: 21/10/2017.

FEATHERSTONE, Mike. A Velhice e o Envelhecimento na Pós-modernidade. In: *A Terceira Idade*. Revista Eletrônica. ANO X, n.14, agosto, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A Ordem do Discurso**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2004.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e Utopias no Ensino de Geografia**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Envelhecimento Demográfico e o Lugar do Idoso no Ciclo da Vida Brasileira. In: TRENCH, Belkis; ROSA, Tereza Etsuko da Costa (Orgs.). **Nós e o Outro: Envelhecimento, Reflexões Práticas e Pesquisa**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

NOGUEIRA, S. L. *et al.* Distribuição Espacial e Crescimento da População Idosa nas Capitais Brasileiras de 1980 a 2006. Hum Estudo Ecológico. **Revista Brasileira de Estudo Populacional**, São Paulo, v. 25, n. 1, junho, 2008

OBSERVAPOA. **População Idosa de Porto Alegre Informação Demográfica e Socioeconômica**. n. 1. Prefeitura de Porto Alegre: abril, 2015. Disponível em: <http://lproweb.procompa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/informacao_demografica_e_socioeconomica-populacao_idosa02.pdf>. Acesso em: 08/08/2017.

PARAÍSO, Marlucy A. Pesquisas Pós-críticas em Educação no Brasil: Esboço de um Mapa. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 122, p. 283-303, 2004.

QUINTANA, Mário. **Apontamentos de História Sobrenatural**. Porto Alegre: Globo, 1976.

_____. **Prosa e Verso** (Antologia). Porto Alegre: Globo, 1978.

_____. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

RAMOS, Cristhiane da Silva. **Visualização Cartográfica e Cartografia Multimídia: Conceitos e Tecnologias**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

RIBEIRO, José Carlos. Mapas Colaborativos Digitais e (Novas) Representações Sociais do Território: uma Relação Possível. In: **Ciberlegenda**, 2011.

Rio Grande do Sul. Conselho Estadual do Idoso. **Os Idosos do Rio Grande do Sul: Estudo Multidimensional de suas Condições de Vida - Relatório de Pesquisa/ Conselho Estadual do Idoso**. Porto Alegre: CEI, 1997.

SANCHO, Juana Maria; HERNÁNDEZ Fernando. **Tecnologias para Transformar a Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Tomas T. da.; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola. **Linhas de Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TONINI, Ivaine M. Movimentando-se pela Web 2.0 para Ensinar Geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C.; KAERCHER, Nestor A.; TONINI, Ivaine M. (Orgs.). **Movimentos no Ensinar Geografia**. Porto Alegre: Compasso, 2013.

